



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

LARISSA SCHENATO CAPO

O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*: PERSPECTIVA DAS VÍTIMAS APÓS INTERVENÇÃO COM PROFESSORES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de artigo para graduação em Enfermagem pelo Centro Universitário de Brasília–UniCEUB, sob orientação da Professora Doutora Julliane Messias Cordeiro Sampaio.

**BRASÍLIA
2020**

O ENFRENTAMENTO DO *BULLYING*: PERSPECTIVA DAS VÍTIMAS APÓS INTERVENÇÃO COM PROFESSORES

Larissa Schenato Capo ¹

Julliane Messias Cordeiro Sampaio ²

RESUMO

O *bullying* é problema de saúde pública multifacetado e multicausal que acomete cerca de 30% dos estudantes do Brasil e de outros países. Trata-se de uma violência escolar no qual o professor tem papel fundamental na sua prevenção. O objetivo dessa investigação foi avaliar os efeitos de uma intervenção realizada com os professores de uma escola na capital brasileira com o intuito de auxiliá-los na mediação dos conflitos envolvendo o *bullying*. A execução das atividades foi planejada a partir das respostas de 148 estudantes do 6º ao 9º ano de ensino. Tratou-se de uma pesquisa do tipo quase-experimento (*after and before*), os dados foram coletados entre novembro e maio de 2019 e submetidos à análise estatística, obtendo-se a razão de prevalência com o intervalo de confiança (IC) de 95% e comparação dos períodos pré e pós intervenção. Os resultados apontaram diminuição do número de vítimas (de 42,5% para 29,7%) e alterações benéficas no que tange às variáveis que despontaram uma mudança de comportamento positivo na escola. Ao final, como demonstram os resultados, a sensibilização do corpo docente assim como, capacitá-lo para intervir nas situações de conflito, desponta uma melhoria no ambiente escolar e quebra de ciclos de violência.

Palavras-Chave: *Bullying*. Intervenção. Vítima.

THE FACING OF BULLYING: PERSPECTIVE OF VICTIMS AFTER INTERVENTION WITH TEACHERS

ABSTRACT

Bullying is a multifaceted and multi-causal public health problem that affects about 30% of students in Brazil and other countries. It is a school violence in which the teacher has a fundamental role in its prevention. The purpose of this investigation was to evaluate the effects of an intervention carried out with teachers at a school in the Brazilian capital to assist them in mediating conflicts involving bullying. The execution of the activities was planned based on the responses of 148 students from the 6th to 9th year of teaching. It was a quasi-experiment research (after and before), the data were collected between November and May 2019 and subjected to statistical analysis, obtaining whether the prevalence ratio with the 95% confidence interval (CI) and comparison of pre and post intervention periods. The results showed a decrease in the number of victims (from 42.5% to 29.7%) and beneficial changes regarding the variables that led to a change in positive behavior at school. In the end, as the results demonstrate, the sensitization of the teaching staff as well as, training them to intervene in situations of conflict, leads to an improvement in the school environment and breaking cycles of violence.

Keywords: *Bullying*. Intervention. Victims.

¹ Acadêmica do curso de enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES/UNICEUB.

² Professora Titular do curso de Enfermagem da Faculdade de Ciências da Saúde – FACES/UNICEUB

1 INTRODUÇÃO

O *bullying* começa ser relatado nos países nórdicos e, teve como pioneiro o professor Dan Olweus, após o suicídio de três crianças ter sido veiculado nos meios de comunicação, tendo como causa provável, os maus-tratos sofridos no ambiente escolar por seus pares. Após o caso, fora elaborado um plano de intervenção pelo mesmo professor, fato que favoreceu a redução do fenômeno em 50% dos casos. Dessa maneira, esse programa tem sido utilizado em escolas norte-americanas e na Europa, tendo com eixo de ação, alunos, pais, professores, funcionários e demais integrantes da rede social de inserção escolar, na tentativa de minimizar os efeitos desse tipo de violência (OLWEUS, 1993; PEREIRA, 2008; MARTINS 2009; SILVA e RISTUM, 2010).

Ao abordar a violência escolar, em especial o *bullying*, exige a contextualização da realidade local com a compreensão de sua existência como um problema que, por ser multifacetado e multicausal, demanda esforços interdisciplinares e intersetoriais que atendam à demanda dos sujeitos nela envolvidos. Para tanto, é importante desenvolver ações educativas que favoreçam o diálogo sobre questões envolvendo a temática *bullying*, às suas manifestações bem como, à identificação precoce de fatores de vulnerabilidade a este tipo de fenômeno e prover o auxílio necessário para interromper o ciclo de conflitos, para que, o local onde deveriam ser estabelecidas relações saudáveis e valores sociais, não se apresente um ambiente desmotivador, desinteressante, hostil e potencializador das violências e da instabilidade nas relações entre pares. (FERRAZ, 2008; GONÇALVES, BENTO e RIBEIRO, 2013).

Reconhecendo o *bullying* como um problema de saúde pública, devido à sua alta magnitude e prevalência, estimada em aproximadamente 30% de estudantes envolvidos no Brasil e em outros países, bem como em função das consequências nocivas que acarreta aos sujeitos implicados na sua prática, evidencia-se a necessidade de se implementar ações intersetoriais, com a participação e a contribuição efetiva do enfermeiro, cujo campo de atuação pode entremear o saber prático e teórico (SILVA, 2013), uma vez que a enfermagem, enquanto uma prática social, busca viabilizar o bem-estar e a qualidade de vida do indivíduo e da comunidade.

Os estudos nacionais indicam ser a sala de aula um dos locais da escola em que as práticas de *bullying* são mais passíveis de ocorrerem (FISHER, 2010; RECH, HALPERN, TEDESCO e SANTOS, 2013). Em tal contexto, os professores desempenham um papel fundamental na prevenção e na gestão de conflitos entre os alunos. Não obstante, nem sempre identificam as situações mais sutis do fenômeno ou, quando percebem essas e outras ocorrências do problema, decidem não intervir, algumas vezes por considerarem serem eventos típicos da faixa

etária (TROOP-GORDON e LADD, 2013). Deste modo, muitos agressores não são responsabilizados pelos atos que praticam, o que acaba reforçando seus comportamentos e aumentando os índices de *bullying*, de forma cíclica.

Segundo a autora, em nível da escola é necessário o reconhecimento do problema e o diagnóstico da realidade, a partir do qual a equipe coordenadora do projeto define as medidas de intervenção, desta forma o programa deve estar traduzido nas políticas educativas de cada escola no caso português deve ter visibilidade no projeto educativo (PEREIRA, 2008).

Por se tratar de uma violência que ocorre no espaço escolar e, reconhecendo o professor como o adulto responsável que permanece mais próximo dos alunos durante o horário de aula, esse estudo se justifica por avaliar se a sua participação nas ações de enfrentamento do *bullying* a partir de uma capacitação acerca da temática traz algum impacto de prevenção e/ou redução do fenômeno em uma escola de ensino fundamental em uma região administrativa da capital federal brasileira.

Ao reconhecer o *bullying* como um conjunto de violências perpetradas entre pares e, sendo esse fenômeno um problema social passível de intervenções o objetivo desse trabalho foi avaliar a resposta de enfrentamento do *bullying* após uma intervenção realizada com os professores de uma escola na capital brasileira.

2 MÉTODO

Trata-se de um quase-experimento, do tipo antes e depois, que utilizou como instrumento da coleta de dados um questionário avaliado e aprovado para identificação da dinâmica do *bullying* no espaço escolar (SAMPAIO et al., 2015). É um questionário autoaplicável, que demanda, em média 12 minutos para ser respondido, podendo ser aplicado na própria sala de aula pelo professor com os estudantes presentes. O principal objetivo a ser atingido na análise e na interpretação dos resultados deste tipo de estudo é o diagnóstico situacional e a avaliação dos efeitos de uma determinada intervenção utilizada para avaliar pontos e/ou temáticas específicas.

2.1 Coleta e análise dos dados

Após o diagnóstico situacional realizado por Xavier, Salomão e Sampaio (2018), foi elaborada uma intervenção com os professores em quatro oficinas, com temas diversos, sendo eles instruções sobre “Como distinguir o *bullying* dos conflitos corriqueiros”, “Como identificar e ajudar a vítima de *bullying*?”, “Como identificar e auxiliar o agressor?” e, por fim, a última oficina abordando sobre como auxiliar as testemunhas na identificação de *bullying*, todas essas

intervenções foram feitas a fim de sensibilizar o corpo do docente para a temática *bullying*, sua identificação e mediação de conflito.

Após análise descritiva prévia dos dados pré-intervenção, que se institui primeira etapa da intervenção, elaborou-se uma proposta de intervenção junto com os professores, por meio de atividades dialogadas em 04 (quatro) oficinas, sensibilizando o grupo docente e apresentando temas relacionados ao *bullying* e formas possíveis de intervenção (segunda etapa). A partir de então, realizou-se a terceira etapa, que se refere a aplicação do questionário para os mesmos alunos respondentes da primeira fase. Em seguida, os dados foram duplamente digitados, minimizando o risco de erro, em uma planilha Excel[®] e, para a análise, o programa SPSS 24 a fim de avaliar as fases pré e pós intervenção.

Os resultados dos testes estatísticos se referiram à comparação dos momentos pré e pós-intervenção, de uma maneira global, embora a análise descritiva das características dos estudantes em relação ao nível de envolvimento com o *bullying* também foram apresentados.

Para a execução dos períodos antes e depois, a fim de avaliar se as atividades realizadas com os professores trouxeram mudança de atitude frente a vitimização, foram extraídas do questionário as variáveis dos dados socioculturais, a condição de vítima, os tipos de violência sofrida, para quem a vítima buscou ajuda e a reação da pessoa para quem a vítima verbalizou a agressão sofrida.

2.2 Campo de pesquisa

A pesquisa foi realizada em uma escola do Distrito Federal, que possuía 625 alunos matriculados, onde 148 dos discentes efetivamente participaram da pesquisa respondendo os questionários, sendo eles do 6º ao 9º ano de ensino, no ano de 2019.

Após análise descritiva da primeira etapa de coleta foram realizadas as oficinas, devidamente distribuídas durante o período de intervenção de acordo com intervenção realizada por Sampaio (2015), conforme demonstrado no Quadro 1:

Quadro 1 – Oficinas educativas de sensibilização realizada pela equipe de pesquisa, com professores.

OFI-CINA	TEMA ABORDADO	MATERIAL UTILIZADO
Pri-meira	Como distinguir o <i>bullying</i> dos conflitos corriqueiros?	Fragmentos de texto Oliveira et. al (2018). Aula expositiva utilizando material didático de Pepê (2011): Assédio moral, assédio escolar e <i>bullying</i> . Agressividade Infanto-Juvenil.
Segunda	Como identificar e ajudar a vítima de <i>bullying</i> ?	Discussão de fragmentos do livro “ <i>Bullying</i> : saber identificar e como prevenir” Lopes Neto, 2011. Mediação de conflitos - Ortega y Del Rey (1999) e Ortega (2002).
Terceira	Como identificar e auxiliar o agressor?	Aula expositiva, utilizando material didático de Pepê (2011): Assédio moral, assédio escolar e <i>bullying</i> . Agressividade Infanto-Juvenil. Mediação de conflitos - Ortega y Del Rey; (1999) e Ortega (2002).
Quarta	Auxiliando as testemunhas na identificação de <i>bullying</i> .	Rosário e Duarte, 2010; Salmivalli e Poskiparta 2012.

Fonte: Sampaio, 2015.

Essas atividades foram elaboradas para que houvesse sensibilização sobre a temática, com diálogo construídos a partir dos resultados de análise descritiva da primeira etapa, destinada aos professores dessa escola a fim de que os mesmos fossem capazes de discutirem os aspectos do *bullying*, identificarem os conflitos envolvendo esse fenômeno e, por fim, ofertar ferramentas de intervenção, por meio de diálogo e busca de respostas positivas dos estudantes frente o envolvimento com esse tipo de violência.

Em seguida, com a finalização das oficinas, após três semanas, foi aplicado o questionário para o mesmo grupo de respondentes da fase pré-intervenção, com o intuito de observar se houve alteração do cenário de *bullying* na referida escola.

Cabe salientar, que, embora as atividades de intervenção tiveram os professores como protagonistas, as variáveis serão oriundas das respostas dos estudantes e, ressalta-se que, não houve perda no número de respondentes da primeira etapa para a segunda, que durou um período de, aproximadamente, 10 meses.

2.3 Critério de elegibilidade

Que para as oficinas todos os professores foram convidados e firmaram aceite para dada investigação.

E, quanto aos alunos respondentes, estarem matriculados do sexto ao nono ano na escola escolhida.

2.3.1 Critérios de inclusão

Para o estudante: estar presente no dia em que for aplicado o questionário em sala de aula e, na segunda etapa, ter respondido o questionário na primeira pesquisa.

Para o professor: estar presente no período de reunião local.

2.3.2 Critérios de exclusão

Alunos e professores que desistissem de participar de qualquer etapa da pesquisa.

2.3.3 Critérios éticos

Este estudo faz parte de uma pesquisa de maior magnitude intitulado “*Bullying*: Avaliação de uma intervenção com professores em uma escola pública do Distrito Federal” submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília –CEP/CEUB sob CAAE de nº 03635218.9.0000.0023, e aprovação sob parecer de número 3.104.552 em 29/12/2018, respeitando-se as prerrogativas da Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), então vigente na ocasião da análise junto ao CEP. Aos alunos menores de 18 anos, solicitou-se consentimento dos seus pais ou responsáveis legais, mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE e seu assentimento mediante assinatura do Termo de Assentimento - TA.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após análise dos questionários aplicados na primeira etapa da pesquisa referente ao cenário de *bullying* presente na escola, as quatro oficinas foram realizadas com docentes e pesquisadores com o intuito de instruí-los quanto ao reconhecimento do *bullying* como um problema que existe no ambiente e possibilidades de mediação de conflitos.

As oficinas tinham como objetivo dialogar sobre as estratégias e viabilizar e promover o desenvolvimento das habilidades sociais com intenção e reduzir/prevenir o *bullying*. Essas ferramentas seriam colocadas em prática nos diversos ambientes escolares, tais como sala de aula, refeitório, espaço de práticas de esporte e pátios. Vale ressaltar que tais oficinas foram implementadas em Horário Pedagógico de Trabalho Coletivo (HTPC), previamente comunicado e devidamente agendado pela direção da escola.

Nesse sentido, os dados oriundos das respostas dos estudantes foram elencados em tabelas, despontando os dois períodos, pré e pós-intervenção que serão apresentados e discutidos sequentemente.

Referente ao perfil sociodemográfico do grupo estudado são, em sua maioria, do sexto ao oitavo ano, sendo em sua maior parte, participantes do sexo feminino, com idades entre onze e treze anos. Despontou também, que a maioria dos sujeitos nunca reprovou.

Na Tabela 1, percebe-se o quantitativo de alunos que se declararam vítimas antes e após a intervenção com as oficinas. Embora os resultados não tenham apresentado evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós-intervenção, houve uma diminuição significativa do número de vítimas, partindo de 42,56% do número de alunos para 29,72%, reforçando a importância do projeto.

Tabela 1 – Prevalência de vítimas de *bullying* nos últimos 6 meses, pré e pós intervenção (n=148). Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Vítimas	Pré intervenção ¹		Pós intervenção ¹	
	n	%	n	%
Sim	63	42,56	44	29,72
Não	85	57,44	104	70,28
Total	148	100,0	148	100,0

¹ Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós-intervenção ($\alpha=5\%$).

De acordo com a mudança na variável vítimas, não houve evidência estatística, entre os dois momentos da pesquisa, pré e pós, isso é uma realidade pois o N do estudo é pequeno. Esses dados começam elevados quando comparados aos dados de investigação nacional de Malta (2014), porém, após oficinas e palestras de conscientização para professores, o resultado se assemelha aos encontrados por Marcolino et al. (2018) na condução de sua respectiva investigação.

Ainda conforme dados coletados no período pré-intervenção, houve um detalhamento quanto ao tipo e o local da agressão sofridos pelos alunos da amostra. As informações constatarem que “fazer fofoca”, “apelidar” e “zoar” são os tipos de agressão mais recorrentes. Esses resultados coadunam com as conclusões obtidas por Schultz et al. (2012), Thornberg et al. (2014) e Oliveira et al. (2018) que demonstraram o predomínio da prática da violência verbal. Quanto ao local da agressão, evidenciou-se que ocorreram agressões principalmente em sala de aula e ambiente de recreio, ratificando os resultados de investigações nacionais e internacionais como os de Lamas et al. (2013), Rech et al. (2013) e Sampaio (2015), os quais revelaram que a sala de aula é o local de maior prevalência do *bullying*, e Pereira et al. (2011) e Salmivalli (2014), os quais destacam também o ambiente de recreio.

As informações referentes ao período pré-intervenção são importantes para caracterizar a amostra, o ambiente e o tipo de agressão, a fim de contextualizar o cenário anterior e destacar a relevância dos dados obtidos com os questionários e, conseqüentemente, proporcionar que a

elaboração das atividades interventivas permita maior eficácia das oficinas realizadas com o corpo docente.

Ao comparar os momentos antes e depois da pesquisa, verificou-se que houve uma mudança de contexto relevante após a intervenção com oficinas. Na Tabela 2, por exemplo, a qual apresenta informações acerca da reação da vítima frente a uma situação de *bullying*, 12,16% relatavam dizer aos amigos a agressão ocorrida e, apenas 7,43% informavam ao professor ou à outra pessoa da escola quando agredida. Após a intervenção, observou-se a mudança de percentil, na qual apenas 9,45% das vítimas confessaram as agressões aos seus amigos, enquanto 12,83% abordaram o professor que, após as oficinas realizadas, está enfim capacitado para lidar com as situações de agressão. Esse achado corrobora com a banalização e naturalização da violência (RAMOS, 2016) que provocam um desencorajamento do relato da situação experienciada pela vítima ou apenas a informa para um amigo incapaz de ajudá-lo.

Tabela 2 – Distribuição das vítimas quanto a ter relatado ou não sofrido o *bullying*. Brasília, Distrito Federal, Brasil. 2019.

Reação da vítima	Pré intervenção		Pós intervenção	
	n	(%)	n	(%)
Não contou nada	16	10,81	08	5,40
Disse aos amigos	18	12,16	14	9,45
Disse ao professor, coordenador ou outro funcionário da escola	11	7,43	19	12,83
Disse ao pai e/ou mãe	11	7,43	18	12,16
Disse a outra pessoa da família	09	6,08	13	8,78

Ademais, ocorreu uma alteração na soma dos quesitos “não contou nada” inicialmente e “disse aos amigos”, partindo de 22,97% para 14,85% e dos tópicos “disse ao professor, coordenador ou outro funcionário da escola” e “disse ao pai e/ou mãe”, partindo de 14,86% para 24,99% após a sensibilização do corpo docente. Tanto o decréscimo da soma nos primeiros itens quanto o aumento da soma dos últimos eram almejados pelas pesquisadoras, visando que as vítimas procurassem um adulto responsável capaz de auxiliá-los.

Silva et al. (2018) discutem a dimensão do empoderamento da vítima frente a sua condição de vulnerabilidade, salientando resoluções mais adequadas em situações onde o ciclo de violência venha a se repetir.

Observou-se que a intervenção com oficinas também impactou na conduta da pessoa para qual foi referida a situação de *bullying*, inclusive os docentes. A Tabela 3 revela a atitude das pessoas para as quais as vítimas confidenciaram a agressão com mudança significativa de panorama. Em relação à decisão de “não acreditar”, a porcentagem teve uma diminuição importante de 20,27% para 1,35%, mostrando a eficácia da sensibilização realizada com os professores pelas pesquisadoras. Nota-se relevância também na decisão de “não fazer nada” a qual diminuiu cerca de 50%, ilustrando o aumento de pessoas tomando atitudes a fim de quebrar o ciclo do *bullying*.

Tabela 3 – Conduta da pessoa para quem a vítima contou ter sofrido bullying. Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2019.

Conduta da pessoa para quem a vítima relatou o ocorrido	Pré intervenção		Pós intervenção	
	n	(%)	n	(%)
Não contou nada	16	10,81%	08	5,40%
Não acreditou	30	20,27%	02	1,35%
Não fez nada	09	6,08%	05	3,37%
Conversou comigo	15	10,13%	15	10,13%
Chamou a atenção do agressor	14	9,45%	11	7,43%
Ajudou de outra forma	04	2,70%	02	1,35%

Teste Exato de Fisher. ¹ Não houve evidência de diferença estatística entre as fases pré e pós-intervenção ($\alpha=5\%$)

Os conflitos escolares impactam consideravelmente na saúde mental das vítimas, gerando medo, dor, angústia, desmotivando-as quanto os estudos, causando evasão escolar e pensamentos suicidas (SAMPAIO, 2015; PEREIRA et al., 2009; ZEQUINÃO et al., 2016). Ademais, observa-se o desenvolvimento de problemas crônicos, tais como diminuição da autoestima e depressão, acarretando dificuldades de convivência social. Sabe-se também que pode ocorrer outras alterações orgânicas como insônia e fadiga e, até mesmo, uso e abuso de substâncias que podem levar a cardiopatias e diabetes. Os casos mais graves de *bullying* podem repercutir em autoextermínio, homicídio e outros distúrbios psiquiátricos (MARQUES et al., 2019).

A ausência de medidas de enfrentamento ao *bullying* provoca não só consequências às vítimas, mas também tem efeitos no agressor, dando-o sensação de impunidade e encorajando-o a agredir outros estudantes, perpetuando o ciclo de *bullying* (SAMPAIO, 2015; PEREIRA et al., 2009).

Segundo Neto (2006), a escola deve oferecer apoio e atenção às queixas de agressão referidas pelos alunos. Outrossim, destaca-se a importância da capacidade de professores distinguirem *bullying* de brincadeiras corriqueiras (TROOP-GORDON e LADD, 2015).

Dessa forma, avalia-se que a realização de oficinas como proposta de intervenção com os professores com o objetivo de sensibilizá-los quanto ao contexto de *bullying* nas escolas mostra-se como uma estratégia fundamental no combate a situações de agressão entre os alunos. Verifica-se também que as estratégias adotadas terão impacto crucial na prevenção e diminuição de todos os agravos sofridos pelas vítimas, dentre eles a depressão e o suicídio. Vale ressaltar que o professor tem um papel indispensável na mediação de conflitos e no processo de conscientização dos alunos quanto a esse problema de saúde pública.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do cenário escolar referente ao *bullying* nota-se consequências severas no âmbito global do indivíduo, caracterizando tais situações como problema de saúde pública. Nesse contexto, tendo em vista que o ambiente acadêmico é constituído principalmente por estudantes e professores, constata-se que este último exerce papel fundamental no processo educacional, tornando-se um pilar no processo de orientação e prevenção do *bullying*. Em vista disso, a sensibilização dos professores por meio de ações dialogadas, como as realizadas durante as oficinas, mostrou-se eficaz nos episódios de agressão em âmbito escolar.

As implicações das intervenções ecoaram na mudança de pensamento dos alunos, que foram orientados pelos professores instruídos. As repercussões evidenciadas nos estudantes mostraram uma alteração no enfrentamento ao *bullying*, considerando que houve transformação na conduta das vítimas frente a agressão. Prova disso que quesitos como “contar a alguém” teve um aumento percentil relevante, refletindo uma atitude adequada frente ao problema com a busca de um adulto resolutivo. Conseqüentemente, houve diminuição percentil no quesito “não contou nada”, acordando com o objetivo da pesquisa.

A pesquisa não anula outras possibilidades de intervenção voltadas ao *bullying* no âmbito escolar, mas pretende dar ênfase devida a este problema de saúde pública, unindo setores da comunidade científica, educacional e de saúde na construção de um espaço acadêmico saudável. Desse modo, diagnosticar episódios de agressão bem como instruir indivíduos acerca do *bullying* exercem papel central no empoderamento da vítima auxiliando-a no processo de quebra do ciclo de agressão mantido pelo *bullying*.

REFERÊNCIAS

- FERRAZ, SF da S. Comportamentos de bullying: Estudo numa escola técnico-profissional Dissertação de mestrado. **Departamento de Medicina, Universidade do Porto, Portugal**, 2008.
- FISHER, M.J.; KING, J. The self-directed learning readiness scale for nursing education revisited: A confirmatory factor analysis. **Nurse Education Today**, v. 30, n. 1, p. 44-48, 2010.
- GONÇALVES, Mónica; BENTO, António; RIBEIRO, Maria Isabel. Violência nas organizações escolares da RAM: quando os professores são as vítimas.... **Escolas, competição e colaboração: que perspectivas?**, p. 493-503, 2013.
- LAMAS, Karen Cristina Alves; FREITAS, Eduarda Rezende; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Bullying e relação professor-aluno: percepções de estudantes do ensino fundamental. **Psico**, v. 44, n. 2, p. 12, 2013.
- LOPES NETO, Aramis Antonio. Bullying: saber identificar e como prevenir. **São Paulo: Brasiliense**, p. 43-6, 2011.
- MALTA, Deborah Carvalho et al. Bullying em escolares brasileiros: análise da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). **Revista brasileira de epidemiologia**, v. 17, p. 92-105, 2014.
- MARCOLINO, Emanuella de Castro et al. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 27, n. 1, 2018.
- MARTINS, Maria José D. Agressão, vitimação e emoções na adolescência, em contexto escolar e de lazer. **Revista Interações**, p. 187-207, 2009.
- NETO, Aramis A. Lopes. Comportamento Agressivo entre Estudantes: bullying. **Escolas Promotoras de Saúde**, p. 115, 2006.
- OLIVEIRA, Wanderlei Abadio de et al . Modos de explicar o *bullying*: análise dimensional das concepções de adolescentes. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 23, n. 3, p. 751-761, Mar. 2018 . . access on 18 Aug. 2019.
- OLWEUS, D. Acoso escolar,“*bullying*”, en las escuelas: hechos e intervenciones. **Centro de investigación para la Promoción de la Salud**, Universidad de Bergen, Noruega, v. 2, 1993.
- ORTEGA, Rosário. O projeto de Sevilha contra a violência nas escolas: um modelo de intervenção educacional de natureza ecológica. **Violência nas escolas: dez abordagens europeias**. Brasília: UNESCO, p. 197-222, 2002.
- ORTEGA, Rosario; DEL REY, Rosario. The use of Peer Support in the SAVE project. In: **Paper en el Simposio Children Helping Children En IX European Conference on Developmental Psychology**. 1999.
- PEPÊ A. Assédio moral, assédio escolar e *bullying*. Agressividade Infanto-Juvenil. **XIII Reunião Conjunta Conselho Estadual de Educação**. Conselhos Municipais de Educação. VIII Encontro Estadual da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação UNCME. Ilhéus – Bahia. Outubro, 2011.
- PEREIRA, Beatriz; SILVA, Marta Iossi; NUNES, Berta. Descrever o bullying na escola: estudo de um agrupamento de escolas no interior de Portugal. **Revista diálogo educacional**, v. 9, n. 28, p. 455-466, 2009.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira et al. Bullying escolar: programas de intervenção preventiva. 2011.
- PEREIRA, Beatriz Oliveira. Para uma escola sem violência. **Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças**, v. 2, 2008.

- RAMOS, Euélica Fagundes. Violência escolar e bullying: o papel da família e da escola. **As consequências da violência para a comunidade escolar**, 2016.
- RECH, Ricardo R. et al. Prevalência e características de vítimas e agressores de bullying. **Jornal de Pediatria**, v. 89, n. 2, p. 164-170, 2013.
- ROSÁRIO, Ana Cristina; DUARTE, Maria. A agressão/vitimação entre pares: um estudo longitudinal com alunos do 3º ciclo do ensino básico. **AMazônica**, v. 5, n. 2, p. 7-22, 2010.
- SALMIVALLI, Christina. Participant roles in bullying: How can peer bystanders be utilized in interventions?. **Theory Into Practice**, v. 53, n. 4, p. 286-292, 2014.
- SALMIVALLI, Christina; POSKIPARTA, Elisa. KiVa antibullying program: Overview of evaluation studies based on a randomized controlled trial and national rollout in Finland. **International Journal of Conflict and Violence (IJCV)**, v. 6, n. 2, p. 293-301, 2012.
- SAMPAIO, Julliane Messias Cordeiro et al. Prevalência de bullying e emoções de estudantes envolvidos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, v. 24, n. 2, p. 344-352, 2015.
- SCHULTZ, Naiane Carvalho Wendt et al. A compreensão sistêmica do bullying. **Psicologia em Estudo**, v. 17, n. 2, p. 247-254, 2012.
- SILVA, Jorge Luiz da et al. Intervenção em habilidades sociais e bullying. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 3, p. 1085-1091, 2018.
- SILVA, Jorge Luiz da et al. Bullying na sala de aula: percepção e intervenção de professores. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v. 65, n. 1, p. 121-137, 2013.
- SILVA, Joelma Oliveira da; RISTUM, Marilena. A violência escolar no contexto de privação de liberdade. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 2, p. 232-247, 2010.
- THORNBERG, Robert et al. Children's conceptions of bullying and repeated conventional transgressions: moral, conventional, structuring and personal-choice reasoning. **Educational Psychology**, v. 36, n. 1, p. 95-111, 2016.
- TROOP-GORDON, Wendy; LADD, Gary W. Teachers' victimization-related beliefs and strategies: Associations with students' aggressive behavior and peer victimization. **Journal of abnormal child psychology**, v. 43, n. 1, p. 45-60, 2015.
- TROOP-GORDON, Wendy; KUNTZ, Kayla J. The unique and interactive contributions of peer victimization and teacher-child relationships to children's school adjustment. **Journal of abnormal child psychology**, v. 41, n. 8, p. 1191-1202, 2013.
- ZEQUINÃO, Marcela Almeida et al. *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. **Educação e Pesquisa**, v. 42, n. 1, p. 181-198, 2016.